



Esporadicidades do Outro Islã no jornal Estado de S. Paulo¹

Ingrid GOMES²

Universidade Metodista de São Paulo (Unesp), São Paulo, SP
Instituto Superior de Ciências Aplicadas ISCA – Faculdades, Limeira, SP

Resumo

Como objeto de análise, o artigo aborda as representações discursivas (Análise de Discurso) e as interconexões com (e do) Islã no Estado de S. Paulo, tendo por corpus o material publicado pelo jornal, na Editoria Internacional, nos 15 dias anteriores e posteriores à data que marcou, historicamente, os 10 anos do ataque às Torres Gêmeas. Pois se sabe que o Islã, em termos culturais e políticos, apresenta maior visibilidade a partir dos atos de 11 de setembro de 2001. Observou-se, nas generalizações e nas simplificações das representações do Islã da mídia analisada, em partes um retrato aproximado das ações dos fundamentalistas islâmicos, instruindo o contexto complexo do Islã como o Outro.

Palavras-chave: Islã, representações, Outro, tensão jornalística e Estado de S. Paulo.

Introdução

O artigo buscou sintetizar que pela presença do discurso jornalístico internacional há representações do muçulmano na contemporaneidade como aquele Outro, Diferente e muitas vezes “encrenqueiro” e “fundamentalista”. Nessa observação o trabalho aqui apresentado se divide em: descrição da metodologia de análise (descritiva e de análise de discurso da linha francesa); posicionamento histórico do

¹ O presente artigo é apresentado ao DT1 – Jornalismo Impresso, no XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 03 a 05 de julho de 2013.

² Doutora e Mestre na área de Processos Comunicacionais, em Comunicação Social, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), pós-graduada em Globalização e Cultura pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo e é formada em Jornalismo pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Trabalhou como editora na LatinMed - Editora Médica - em Piracicaba e São Paulo, onde desenvolveu programas e projetos de qualidade de vida e mídias preventivas na área da saúde, para empresas, entidades clínicas e hospitalares. Foi Diretora de Pesquisa e Documentação da Sociedade Brasileira dos Pesquisadores e Profissionais de Comunicação e Marketing Político (Politicom) em 2009/2010. Atua como professora de jornalismo no Instituto Superior de Ciências Aplicadas (ISCA Faculdades). E-mail: ingridgomessp@yahoo.com.br.



Estado de S. Paulo Internacional (que será analisado), exploração das análises e considerações importantes³.

1.1 Metodologia

Foram analisadas 31 edições do jornal impresso Estado de S. Paulo. O marco (da data) foi definido a partir do 11 de setembro de 2011, em razão da realização de dez anos do atentado às Torres Gêmeas, ao Pentágono e a Casa Branca dos Estados Unidos pelos fundamentalistas islâmicos. Foram 30 dias contando quinze dias anteriores ao 11 de Setembro e quinze dias posteriores, somando 31 dias de material diário. A definição da data do *corpus* de análise foi demarcada pela expectativa jornalística de o caderno desenvolver material especial sobre os dez anos do ato terrorista, pois desta forma haveria conteúdo com perspectiva menos emocional e mais contextualização, em razão do maior tempo para reportagens especiais.

Depois de realizada a análise descritiva aplicou-se a análise aprofundada com base nos conceitos de análise de discurso. A AD, na perspectiva francesa, ao se apoiar em métodos e conceitos da linguística considera imprescindível analisar: “O quadro das instituições em que o discurso é produzido, as quais delimitam fortemente a enunciação; Os embates históricos, sociais etc. que se cristalizam no discurso; e o espaço próprio que cada discurso configura para si mesmo no interior de um interdiscurso.” (MAINGUENEAU apud BRANDÃO, 2004: 17). Portanto a linguagem é entendida como fenômeno em que se sistematiza interna e externamente, no campo interno como formação linguística e no espaço externo como formação socioideológica.

Uma prática discursiva não pode se explicar senão em função de uma dupla competência: 1- uma competência específica, sistema interiorizado de regras especificamente linguísticas e que asseguram a produção e a compreensão de frases sempre novas — o indivíduo *eu* utilizando essas regras de maneira específica (*performance*): 2- uma competência ideológica ou geral que torna implicitamente possível a

³ Este artigo é fruto de parte da pesquisa de doutorado recém realizada pela autora, na Umesp. Título da tese: Olhares sobre o Outro. Estudo das representações do Islã nos jornais Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo. Orientada pelo Professor Dr. José Salvador Faro.



totalidade das ações e das significações novas (SLAKTA apud BRANDÃO, 2004: 18).

Como explicitado os conceitos de ideologia, e de discurso vão influenciar a corrente francesa. Em especial a teoria dos aparelhos ideológicos de Estado, do estudo do teórico Althusser, de quem foi cunhado o termo “formação ideológica”, e a teoria do discurso de Foucault (*Arqueologia do Saber*) da qual se extrairá o termo “formação discursiva” (FD). Ambas as expressões formação ideológica e formação discursiva serão significativas para a análise de discurso.

O principal objetivo do uso da AD de perspectiva francesa para esse estudo foi em razão da AD constituir-se como disciplina mais completa para a interpretação do discurso jornalístico, que se forma a partir do material textual do diário Estado de S. Paulo. A partir do quadro teórico levantado pela AD foram presentes na análise as seguintes formulações: I – Esquecimentos, II – Paráfrase e Polissemia; III – Relações de Força, Relações de Sentido, Antecipação: Formações Imaginárias; IV – Formação Discursiva; V – a) O dito e o não dito; V – b) Inferências/Implícitos.

1.2 Caderno Internacional

O Estado de S. Paulo, desde 1875, é o mais antigo dos jornais da cidade de São Paulo ainda em circulação, segundo dados históricos do acervo Estado. A primeira circulação tinha o nome de “A Província de S. Paulo”, que durou de 1875 a 1890, quando passou a ser chamado com o nome conhecido até hoje.

As pautas do Internacional, na ativa desde o início do jornal, ganharam em 1950 a 1970 mais destaque, em razão da época de significativa censura sobre o noticiário nacional.

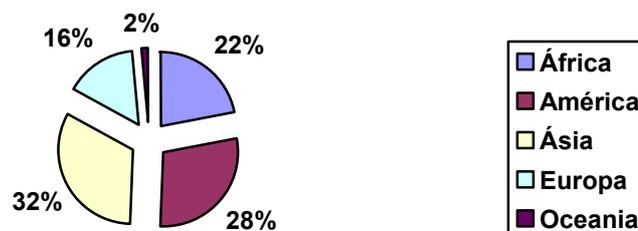
Atualmente, além do Jornal Estado de S. Paulo, o Grupo Estado publica o Jornal da Tarde (na ativa desde 1966) e controla a OESP Mídia (1984), empresa que atua no ramo de Publicidade por meio de Classificados. Hoje, apresenta dois colunistas fixos Gilles Lapouge e Mac Margolis, além dos esporádicos comentaristas, articulistas, repórteres correspondentes e outros, que escrevem quase diariamente, com maior visibilidade aos finais de semana.

O caderno Internacional varia de duas a oito páginas por edição na semana, de segunda-feira já chegou a apresentar duas páginas e, aos fins de semana, o número aumenta significativamente, chegando até a oito páginas. Mas o caderno fica na média de quatro páginas, somando duas páginas de publicidade e de anúncios. Recebe notas, notícias e reportagens de agências como se verifica no material analisado e observado diariamente. As agências mais comuns nas páginas do Internacional são, em ordem de frequência, a AP, AFP, EFE e Reuters. Entretanto, há mais conteúdo assinado por jornalistas correspondentes, freelances entre outros.

Do conteúdo no período analisado (como se verifica no gráfico abaixo) se destaca que no continente africano, o assunto mais comentado e pautado em diversas vertentes foi sobre a derrubada do ditador Muammar Kadafi, na Líbia. Muito distante em número de material jornalístico desse assunto, vêm questões sobre o Quênia, o Egito e a Somália. Na parte europeia se destaca os países da França, Inglaterra, Alemanha, Espanha e Turquia.

Os Estados Unidos é destaque na América, sobre economia, questões políticas e assuntos internacionais que envolvem falas do presidente Barack Obama e secretários de Estado, secundariamente há material especial sobre o 11 setembro de 2001. Depois, no continente americano, o Brasil é retratado no enquadramento do caso da Líbia, da Síria e da Autoridade Palestina pelo Estado Palestino na ONU. Argentina, Hugo Chávez da Venezuela, Reivindicações dos estudantes chilenos, Colômbia e Cuba vêm na sequência. No continente asiático, Palestina e Israel são os assuntos predominantes nas notas, notícias, reportagens e artigos. Distantes em porcentagem desse assunto, saem os países Irã, Paquistão, Afeganistão, Síria, Iêmen, Arábia Saudita, Iraque, China, Rússia Oriental, Índia e Japão.

Temas predominantes por continente



1.3 Análise representativa: discursividade do Islã no Estado de S. Paulo

Especial Estado de S. Paulo “11.09.2001 A marca do terror no início do século” de 12 páginas, com ilustração, infográficos, material fotográfico e articulistas convidados. O especial circulou no jornal no domingo 04 de setembro de 2011.

1) Especial p.01. 04 de setembro de 2011. Texto introdutório da capa do especial, com quatro parágrafos. Sem crédito de autor.

No texto inicial do especial sobre o 11 de setembro de 2001, interrogaram-se sobre o porquê da tragédia, quais seriam as motivações dos terroristas. Comentou-se sobre o contra ataque estadunidense no Afeganistão e no Iraque, citou também alguns problemas atuais consequentes do 11 de setembro de 2001 aos EUA.

Mesmo diante de quatro curtos parágrafos observam-se problemas no enunciado que prejudicam a representação do Islã, na formação dos sentidos.

No primeiro trecho, há uma citação sobre o Islã em que se identificam muçulmanos com terroristas, igualando seus significados. “O mundo mudou em questão de horas. A primeira reação após a catástrofe de 11 de setembro de 2001 foi questionar: por quê? O que levou 19 muçulmanos a sequestrar jatos comerciais com 40 mil litros de combustível e transformá-los em bombas contra civis?”. Muçulmanos são os devotos do islamismo, diferente de fundamentalista islâmico, de extremista, de islamista, bem como de terrorista. As 19 pessoas que praticaram o ato terrorista em 2001 são conceituadas como terroristas. Nessa versão, em igualar significados distintos pela “presença” — tornar real — (ABRAMO, 2003: 24) a expressão “muçulmanos”, observa-se também a “relação de sentidos” em que “[...] um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis” (ORLANDI, 2010: 39). A construção imaginada do muçulmano como terrorista no trecho em análise, resulta, nesse sentido, de um repertório histórico cultural de proximidade que deturpa e denigre o imaginário social sobre o Islã, sobre o muçulmano.

O segundo trecho problemático: “A escassez de explicações fez do cientista político Samuel Huntington o profeta do momento. Ele passou os anos 90 defendendo que o mundo Pós-guerra Fria seria marcado por conflitos entre identidades culturais, entre as quais, a islâmica era a mais encrenqueira”. Nele se destaca a religião islâmica como “encrenqueira” passando o peso do julgamento à teoria de Huntington, sem de fato citar a página do livro em que o pesquisador descreve tal singularidade sobre o Islã,



bem como sem colocar entre aspas a expressão difamatória como fala do autor do “choque de civilizações”. Pode-se afirmar na análise de discurso que com base na formação ideológica do muçulmano como terrorista, do trecho inicial, constrói-se a “formação discursiva” desse Outro Islã como o “encrenqueiro”, pois o discurso é ancorado em formações ideológicas que além das regras existentes, formula, agora, estrutura de pensamento (MACHADO; JACKS, 2001: 06) em que o muçulmano é visto como o causador de conflito, o “encrenqueiro”, aquele que será o terrorista, o mal em situações díspares, conflituosas.

Ao final dos parágrafos, há uma evidência terminológica que coloca o sujeito, jornalista responsável pelos parágrafos, próximo à sua crença e “formação imaginária” (ORLANDI, 2010: 40) de agir e pensar: “Pouco depois, Bush mandou grampear telefones e e-mails de cidadãos sem permissão judicial. Viajar de avião virou uma via-crúcis”. Quando se fala “via crúcis” que é uma expressão cristã em latim que significa “caminho da cruz” se retoma uma forma de imaginar e se inscrever na sociedade. No conceito de “formações imaginárias” (ORLANDI, 2010: 41), Orlandi destaca que é por meio dessas formações que ocorrem a formação do discurso. Foi a partir de uma formação imaginária cristã que o muçulmano foi caracterizado nesse texto inicial; sendo marcado como terrorista e encrenqueiro.

2) Especial p.10. 04 de setembro de 2011. “Islamofobia, o efeito colateral dos ataques”. E subtítulo “Hoje, 1/3 dos americanos acha que muçulmanos deveriam ser proibidos de ocupar a Casa Branca”. Gustavo Chacra/ Correspondente em Nova York. Reportagem.

Fontes: Fala do ex-presidente estadunidense George W. Bush, de peso oficial. Entrevista com a fonte secundária James Zogby, presidente do Instituto Árabe-Americano; Informações do Conselho de Relações Islâmicos-Americanas que traz dados primários, mas ocupa papel de fonte independente; Pesquisa do Pew Research Center, como secundária; Dados da Revista Time, fonte secundária; Estudo do Instituto Center for American Progress, que também traz dados primários para a reportagem, mas como Instituto é fonte independente e a fonte de pesquisador do Professor Peter Gottschalk (que está como fonte primária pois origina a discussão do foco principal da matéria), do Departamento de Estudos da Religião da Universidade Wesleyan e autor do livro “Islamophobia: Making Muslims the Enemy” (Islamofobia: fazer os muçulmanos o inimigo) com o outro pesquisador Gabriel Greenberg. **Texto com predomínio de**

abordagem descritiva e analítica. **Presença de uma foto de crédito da agência Reuters** da data de 11/09/2001.

Fotografia. Na imagem fotográfica que ocupa $\frac{1}{4}$ da página 10 do especial, localizada do lado direito da reportagem, apresenta 26 cm de altura e 17 cm de largura, com imagem colorida do 11 de setembro de 2001, em que há cinco pessoas correndo, na Broadway e, atrás a nuvem de poeira, chegando a eles. Legenda: “**Pânico.** População corre de nuvem de poeira levantada por queda das Torres Gêmeas, na Broadway”.

A imagem não faz relação direta com o texto da reportagem, que poderia ter trazido como ilustração do tema suas fontes primárias, cópias dos estudos, os pesquisadores, enfim, fontes entrevistadas. Ao invés de uma foto datada do 11 setembro de 2001, que só se relaciona com o início da reportagem, quando o repórter destaca que a imagem construída do muçulmano após o 11 de setembro é preconceituosa. Portanto, não há presença de análise relacional ao Islã.

Resumo da reportagem: A reportagem apresenta dados de alguns estudos sobre o aumento do preconceito aos muçulmanos nos EUA, em especial no estudo do Instituto Center for American Progress. Há informação de que algumas importantes fundações financeiras do país patrocinam, a dois anos, projetos direcionados à “islamofobia”. “Esses grupos, segundo o estudo, são o Donors Capital Fund, Richard Mellon Scaife Foundations, Lynde and Harry Bradley Foundation, The Russell Berrie Foundation, Becker Foundation, Anchorage Foundation e The Fairbook Foundation”. Um dado ressalta que já foram investidos em projetos e “think-thank” cerca de US\$ 40 milhões. Segundo a pesquisa, o texto da reportagem, os receptores desse dinheiro são “[...] ativistas classificados como islamofóbicos pela Liga Anti-Difamação, como Daniel Pipes, Pâmela Geller e Robert Spencer, que costumam atacar o Islã e os muçulmanos”.

A partir desse momento da reportagem, vincula-se o caráter mais prático desse preconceito ao Islã. Segundo o repórter, com base na pesquisa, o jornal New York Times afirmou que as recomendações do advogado David Yerushalmi (inclusive na lista dos ativistas islamofóbicos), da Society of Americans for Social Existence, “[...] foram praticamente recortadas e coladas nos textos aprovados nos estados do Texas, Alasca e Carolina do Sul, que mudaram a lei local para vetar o código legal do Islã. Outros 20 estados dos EUA estudam adotar a mesma medida”.

Além desse fato de discriminação, o repórter destaca que o plano de construir uma mesquita no Marco Zero, nas características da “Associação Cristã dos Moços”, não foi aceito por alvo dos grupos antimuçulmanos, prossegue descrevendo a campanha



“islamofóbica” da ex-governadora do Alasca Sarah Palin e por outros políticos da ala republicana, citada no Estudo do Instituto. E cita o político Bloomberg, que está na mesma lista de ativistas, mas do lado contrário, seu nome foi citado no estudo como o republicano que combate a “islamofobia”, já ganhou até prêmio do Conselho de Relações Islâmicos-Americanas — Cair — por esse combate.

Análise: Primeiramente é necessário observar que a expressão “islamofobia” do título da reportagem é uma palavra de significado preconceituoso ao islamismo, além de ser incorporada na fala cotidiana da mídia estadunidense, em especial, como um dizer que só poderia ser falado desse modo, não de outro; são as palavras, as expressões que teóricos e jornalistas, como Robert Fisk, chama de “palavras de poder”. É comum o uso de terminologias trazidas pelo governo americano, ou por setores ideologicamente alinhados a esse sentido “islamofóbico” que a mídia reitera, muitas vezes, indiscriminadamente. Como foi o caso de “um pico de violência”. “Um ‘pico’ de violência, senhoras e senhores, foi uma frase primeiro usada, de acordo com meus arquivos, por um general na Zona Verde de Bagdá em 2004 [inicialmente quartel-general da ocupação dos Estados Unidos no Iraque]. No entanto, nós usamos a frase agora, discutimos a partir dela, replicamos como se fosse nossa.” E, como Fisk explica o “pico de violência”, evita o uso de “aumento de violência” “[...] já que um aumento, senhoras e senhores, pode não ser seguido por uma redução posteriormente”, como a ideia de “pico” (FISK, 2010: 01).

A expressão “islamofobia” significa medo ou pavor do islamismo, pois o composto “fobia” junto à ideia do islamismo exerce a função gramatical de adjetivo. Se é vinculado um adjetivo ao Islã, o substantivo religioso de “islamismo” é visto na ótica gramatical como doença, epidemia, pois a fobia é tratada, e o que se trata na sociedade, em termos de saúde pública, são as doenças, as pestes que assolam a sociedade. Outra questão que se interroga, por que, ao invés de chamar de “islamofobia”, não se chama simplesmente anti-islâmica, anti-islã, antimuçulmana? Como comumente se lembra os anticristãos, antijudeus. A simbologia em representar esse Outro Islã advém de “formações imaginárias” (ORLANDI, 2010: 40) com a memória e de característica arcaica, do Islã como exótico e apavorante; e de tão apavorante, ele se torna pela história, e seus vários processos estruturantes, como o Outro demoníaco, que deve ser tratado como algo no âmbito espiritual, fora das projeções concretas da ciência, daí resulta o quadro de adjetivos moralizantes sobre o Islã na sociedade Ocidental.



Voltando à análise do corpo do texto central, identifica-se, ao contrário da convivência ao usar a expressão “islamofobia” no título, uma reportagem marcada pela presença crítica do preconceito sobre o Islã nos Estados Unidos.

No início da reportagem, o repórter traz a ideia, na contextualização do assunto, de que o muçulmano era visto de forma neutra e, com o 11 de setembro, a retórica mudou. Nesse sentido, introduz o fato jornalístico da presença de preconceito sobre os “devotos do Islã” no Ocidente, em especial, nos Estados Unidos. Dessa ideia, inclui a fala do presidente do Instituto Árabe-Americano, James Zogby, sobre como o tema foi apropriado para uma versão política nos Estados Unidos, em específico, pelo uso recorrente da aproximação da conjuntura de Obama com o preconceito ao Islã. A presença da fonte do Instituto traz um caráter à reportagem de conteúdo de credibilidade e propõe um espaço de diálogo com órgãos ligados ao estudo mais independente em relação à etnia árabe e a religião islâmica. Pois, para falar do “preconceito ao Islã”, é necessário entidades de pesquisa ligadas ao tema de forma mais independente, comparando com os órgãos oficiais, que costumam ser os únicos presentes nas notícias e reportagens sobre o assunto.

Na mesma lógica de fonte credível, o repórter apresenta a ideia do Conselho de Relações Islâmico-Americanas (Cair) e do Pew Research Center. Na sequência, identifica, no estudo do Instituto Center for American Progress, que “nos últimos dois anos, uma ampla campanha islamofóbica foi lançada nos EUA [...]”, trazendo dados pontuais sobre a quantidade de investimento, quem são os investidores entre nomes, empresas e entidades, e quem são os membros da mídia estadunidense que realizam a “ampla campanha” preconceituosa. “Os receptores da dinheirama incluem comentaristas e ativistas classificados como islamofóbicos pela Liga Anti-Difamação, como Daniel Pipes, Pamela Geller e Robert Spencer, que costumam atacar o Islã e os muçulmanos.” E relembram, a partir de dados do estudo, a correlação dos nomes dos ativistas contra o Islã com as últimas tragédias internacionais. “Os três tiveram seus nomes citados dezenas de vezes, de forma elogiosa nos escritos deixados pelo terrorista extremista norueguês Anders Breivik, que matou 77 pessoas em duplo atentado em Oslo e na ilha de Utoya no mês passado.”

Ainda na sequência de ações que estão acontecendo discriminadamente contra os muçulmanos nos Estado Unidos, a reportagem recupera a influência desses ativistas no setor político e judiciário do país. Foram cinco parágrafos citando três pesquisas de



importante credibilidade junto ao tema da reportagem e expondo como estão sendo inseridas na sociedade americana as “formações imaginárias” do Islã.

As “formações imaginárias” são projetadas dos lugares sociologicamente concretos e inscritas na sociedade; são as formações que atuam no cenário imagético do discurso e que apresentam relação com o contexto, com a memória e com as posições dos lugares (ORLANDI, 2010: 40). Nesse conteúdo, houve o cuidado na “formação imaginária” sobre o Islã, alertando sobre o que tem ocorrido nos Estados Unidos sobre o cenário de preconceito acerca do muçulmano.

Além do alerta sobre a discriminação ao Islã a reportagem traz no texto uma “formação discursiva” que revela a realidade das raízes do preconceito, das práticas discriminatórias ao muçulmano. A “formação discursiva” entende a forma como o significado se estrutura no discurso.

Incluem-se aí a elaboração e o uso de conceitos sobre o mundo dos objetos e o próprio conhecimento, o posicionamento a respeito dos papéis ocupados historicamente pelos sujeitos, a visão do passado e do futuro, a consciência, ainda que difusa, a respeito do que desejamos ser e de como devemos agir, as noções de moral e de ética, enfim, tudo que pode ser sistematizado de forma mais ou menos estruturada como regras de visão, desejo e ação (MACHADO; JACKS, 2001: 6).

Nesse sentido a “formação discursiva”, que o texto ressalta na reportagem, caracteriza o muçulmano como aquele que é vítima do preconceito dos vários setores sociais dos Estados Unidos. Essa ideia da “formação” continua na reportagem até chegar ao gancho que destaca a politização do preconceito, por parte de partidos políticos e, em especial, de políticos, como “[...] a ex-governadora do Alasca Sarah Palin, a pré-candidata republicana Michele Bachmann e seu rival nas primárias Herman Cain. Na imprensa, o principal difusor do ódio são blogs independentes, mas com grande presença dentro do eleitorado conservador e também a rede de TV Fox News, segundo o estudo [do professor Peter Gottschalk]”.

Dessa politização do ativismo anti-islâmico, ressalta-se que, para uma reportagem jornalística ser aprovada dentre sua hierarquia empresarial, observa-se o elemento de originalidade no gancho jornalístico e a politização, ideia de um gancho importante para a reportagem, traz o assunto político/eleitoral nos Estados Unidos, mesmo falando ainda do crescimento do preconceito sobre o Islã e do poder cultural que há nessa disputa. Daí para o final da reportagem se destaca, com base nos estudos, ativistas pró-Islã.



Michael Bloomberg recebeu o prêmio do Cair por ser o líder político que mais combate a islamofobia. O governador de Indiana, Mitch Daniels, foi o eleito pelo Instituto Árabe-Americano por sua luta contra os islamofóbicos. A comunidade islâmica também elogia o governador de Nova Jersey, Chris Christie, e o do Texas, Rick Perry, que disputa as primárias e, apesar de cristão fervoroso, admira o islamismo (CHACRA, 2011, ESPECIAL 11/9, p.10).

E para finalizar, o repórter esclarece que “Tirando o independente Bloomberg, todos são republicanos, mostrando que o partido possui os maiores islamofóbicos, mas também alguns dos que mais combatem a islamofobia”.

Contudo, a “relação de sentidos” que a reportagem desenvolve ao longo do discurso sobre o Islã tende a reunir sentidos que fortalecem a ideia inicial da “formação discursiva” de alertar que econômica, cultural e politicamente nos Estados Unidos o crescimento do preconceito sobre o Islã é uma realidade, está sendo usada como interesse, ora para setores financeiros, ora para reiterar culturalmente questões jurídicas, por exemplo, e ora como bandeira de ativismo político para ganhar eleitorado. Nessa relação, o resultado é de um Islã vítima, que, por vezes, tem o papel funcional de “tema” de interesses maiores no país.

1.4 Resumo das análises

Do material analisado antecessor à data de o 11 de setembro, a partir do dia 25 de agosto de 2011, o Estado de S. Paulo, no Caderno Internacional trouxe uma notícia curta que teve descomprometimento em explicar termos-chave do Islã, como o sentido de Ramadã, colocando o muçulmano como aquele que não cumpre seu trabalho integral de forma correta em razão do tempo que a religião o compromete. Na nota, expressões generalizadas demarcam a não aceitação do muçulmano em Salt, na Espanha.

O Especial de o 11 de setembro identificou o muçulmano no texto introdutório como fundamentalista e encenqueiro. A reportagem do especial caracterizou o Islã como vítima, desenvolvendo no texto um alerta do crescimento do preconceito sobre o islamismo nos Estados Unidos

E, no período pós-11 de setembro, verifica-se na notícia que o muçulmano foi equiparado como estrangeiro invasor, além de ressaltar que a cultura islâmica é “chocante” para o laicismo francês.



Do material secundário do período de análise, observam-se quatro textos que desenvolveram um discurso favorável ao Islã. Na primeira reportagem, dividiram-se os significados de terrorista e extremista de muçulmano, além de dar espaço para a descrição sobre o preconceito que os muçulmanos têm enfrentado nos Estados Unidos. Na entrevista identificou-se espaço importante ao líder espiritual da revolta líbia, que é muçulmano. Na outra notícia também se separou a ideia de muçulmano de radical islâmico, bem como foi o que ocorreu na última notícia da visão positiva do entender o Islã. Na visão mais neutra sobre o islamismo, houve uma notícia que abriu o aposto explicativo sobre o Ramadã, não influenciando o significado da religião. E sobre os textos negativos a respeito do muçulmano se destacaram três textos jornalísticos. A primeira nota que julga pejorativamente o Islã; na segunda, ao não aprofundar mais sobre a religião, caracteriza os meninos muçulmanos como sendo preparados para a guerra, guerreiros do Islã e, no último texto, a reportagem coloca o muçulmano como tendo o mesmo conceito de fundamentalista.

1.5 Considerações sobre o Islã no Caderno Internacional

Do material jornalístico analisado no caderno Internacional do Estado de S. Paulo, apresentou-se menos descrições opinativas com o entendimento unilateral sobre o Islã, incluindo muitas fontes de pesquisa, de instituições, organizações e entidades ligadas ao árabe, ou especificamente ao muçulmano, ou aos direitos humanos de forma geral, além da presença de pesquisas independentes como fontes principais de extensas reportagens.

A posição dos repórteres nos Estado Unidos, isto é, do lugar que enunciam, colaborou com o uso frequente de termos oficiais, não sobrando espaço para a problematização do conteúdo, questionando e interrogando sobre o assunto, com exceção de duas matérias do Estadão. Ainda sobre os casos de textos preocupados com o significado do Islã na história o caderno Internacional do Estado de S. Paulo, trouxe reportagens sobre o preconceito que o muçulmano tem enfrentado em Nova York e nos Estado Unidos de forma geral, além de contextualizar os conceitos diferentes sobre o que é muçulmano, fundamentalista e terrorista.

Finalizando como argumenta Arruda os “[...] traços históricos da ancoragem que resultam na construção das representações hegemônicas na sociedade” (2002: 22) são



pela mídia, e pelo jornalismo internacional, reportados e configura ao Outro, no estudo o Islã, como desistoricizado, como um não sujeito da sua própria história (BHABHA, 1998: 273). Pois a negação da alteridade age no jornalismo internacional como um poder invisível, como visto na conjuntura do Islã e nas análises. A presença da desumanização em relação a qualquer Outro fere a lógica jornalística do servir à história factual, além de construir ao amanhã uma realidade controversa e saturada de polarizações e conflitos, sejam religiosos ou de ordem de simples comportamentos. O jornalismo diante do respeito ao Outro nas suas diferenças é um resgate imprescindível a um ambiente social mais equitativo e tolerante à esfera pública. Nesse sentido a alteridade no jornalismo propõe também vislumbrar que há questões complexas sobre o Islã que estão num espaço fora (extra) da área de atuação jornalística noticiosa e, portanto que deve ser privada de qualquer intromissão simplista que deteriore sua historicidade.



Referências:

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2003. 63 p.

ARRUDA, Ângela (org.). **Representando a alteridade**. 2 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte-MG: Ed. UFMG, 1998.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 2 ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2004.

CHACRA, Gustavo. FBI detém suspeito de ameaça terrorista. **Estado de S. Paulo**. São Paulo, p. A-16, 10 de setembro de 2011.

_____. Islamofobia, o efeito colateral dos ataques. **Estado de S. Paulo**. São Paulo, p.E-10, 04 de setembro de 2011.

_____. Maioria dos islâmicos nos EUA rejeita a Al-Qaeda. **Estado de S. Paulo**. São Paulo, p. A-17, 01 de setembro de 2011.

FISK, Robert. O jornalismo e as palavras de poder. **Fórum Nacional pela Democracia da Comunicação**, 01 de junho de 2010. Disponível:
<http://www.fndc.org.br/internas.php?p=noticias&cont_key=541693#>
Acesso em 15 de junho de 2010.

_____. Primavera Árabe? Disponível em:
<http://www.outraspalavras.net/2011/12/12/os-banqueiros-sao-os-ditadores-do-ocidente/>. Acessado em 18/01/2012. 22h.

_____. **A grande guerra pela civilização**: a conquista do Oriente Médio. Tradução Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007.

MACHADO, Márcia Benetti & JACKS, Nilda Aparecida. **O discurso jornalístico**. Anais do X Encontro Anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós. Brasília: UNB, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. **Os termos-chave da análise do discurso**. Lisboa: Gradiva, 1997.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso** – Princípios e Procedimentos. 9 ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2010.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. O Oriente como invenção do Ocidente. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.



_____. **Covering Islam.** How the media and the experts determine how we see the rest of the world. London: Vintage Books, 2007.

TEXTO introdutório da capa do especial “11.09.2001 A marca do terror no início do século”. **Estado de S. Paulo.** São Paulo, p. E-01, 04 de setembro de 2011.